

CHICO BUARQUE

nasce um ator

Abrindo um novo caminho, o compositor estreia no cinema em 'Quando o Carnaval Chegar'

Depois de alguns anos em que preferiu aparecer pouco ao público, dedicando-se mais à composição, Chico Buarque de Holanda volta em novo e grande estilo. Jogando para o alto a imagem do moço tímido e trocando o palco pelo estúdio, ele estreia como ator em **Quando o Carnaval Chegar**, ao lado de Maria Betânia e Nara Leão. Chico Buarque está entusiasmado com a experiência, porque acha que o cinema pode muito bem representar uma estimulante abertura para os profissionais da música. Contando a história de seu encontro com a câmara, Chico diz que já havia participado há seis anos do filme **Anjo Assassino**.

— Foi na pré-estréia, antes da **Banda** — conta Chico. — Era uma coisa simples, com violão, flauta e contrabaixo. Depois não fiz mais nada para cinema, até que o Cacá Diegues me chamou para compor as músicas de **Quando o Carnaval Chegar**. No início eu ia fazer só as músicas, mas depois comecei também a opinar sobre o roteiro e acabei como ator. Não sei ainda se continuarei fazendo cinema. Essa



foi uma experiência isolada, mas que gostei muito de fazer. É possível que venha a representar um novo caminho. Os músicos estão cada vez mais perdidos. Desde o cantor até os instrumentistas. Esse filme pode assim representar uma abertura ou uma perspectiva. Nós, os músicos, estamos acossados por todos os lados. O contrabaixista é despedido da boate porque o dono comprou uma hi-fi. O cantor tem as músicas proibidas. Não pode ir à televisão. Os cachês não são pagos. Na verdade, o que eu gostaria de fazer é o que o Vinícius, Tomquinho e Marília Medalha fizeram: uma **tournee** de 40 dias pelas universidades brasileiras. É uma volta ao passado e o caminho mais viável para o futuro.

Ana Maria Magalhães (à esquerda), Maria Betânia, Nara Leão e Antônio Pitanga são os companheiros de Chico Buarque nas alegres transas de **Quando o Carnaval Chegar**.

Reportagem de MIGUEL PEREIRA • Fotos de RICARDO BARROSO



O caminho mais real, pelo menos. Eu não vou ficar fazendo especial da Globo. Não dá. Não vai levar a nada. Prefiro as universidades. Ir embora. Melhor do que ficar esperando um empreguinho, um salariozinho na televisãozinha.

Há muito tempo Chico Buarque está afastado do grande público. Mesmo assim, seu último disco, **Construção**, fez um grande sucesso, sendo ainda hoje um dos mais vendidos no país. Embora faça sua crítica à televisão, Chico não nega sua importância. Muita gente gostaria de vê-lo e ouvi-lo. Mas ele explica porque não aparece no vídeo com tanta frequência:

— Não estou negando de maneira nenhuma a importância da televisão. É claro que se a gente pudesse fazer o que quisesse e sentisse liberdade, eu estaria na TV. Mas acontece que a televisão só procura um músico ou um compositor, com propostas sérias e com interesses sérios, uma vez por ano: a época do Festival, a grande festa oficial. É tudo muito oficial. O resto do ano eles não estão muito interessados em quem não é muito oficial. Não estou entrando no problema das novelas. Estou falando do músico. Então eu vou fazer o que eles querem e o resto do ano fico sobrando por causa disso? Não. Minha posição não é de intransigência contra a máquina. Estou gravando

meus discos, que são vendidos e tocam nas rádios. Por exemplo, meu último disco, **Construção**, vendeu mais do que qualquer outro disco meu, sem precisar da televisão. Quer dizer, a televisão é que está precisando muito dele. Eu estou na minha casa tranquilo e prefiro fazer as coisas para menos gente. Mas faço com maior liberdade. Agora, por exemplo, estou fazendo um **show** no Flag, onde sai quase tudo como eu quero. Não faço tudo porque as proibições também interferem aqui. Mas interferem de uma maneira menos direta, menos agressiva. Você sabe que sua palavra não vai ser cortada no meio e sua música não vai ser mutilada. Na televisão você não consegue isso. Não é que não queira fazer televisão. Pelo contrário. Se eu pudesse fazer na TV este **show** do Flag, seria maravilhoso. Mas não vou conseguir. Por enquan-

to não há condições. Eles não oferecem condições.

O cinema está oferecendo a Chico Buarque uma nova alternativa. Dependendo do resultado de público, é possível que volte em outros filmes, compensando assim sua ausência de outros meios, mais especificamente da televisão. Nas poucas vezes em que se apresentou em teatros, boates ou programas de televisão, Chico foi sempre identificado como um moço tímido. E seu personagem em **Quando o Carnaval Chegar** tem alguma coisa dessa imagem.

— O Cacá fez os personagens em função dos atores que ele tinha escolhido. No caso, eu, Nara e Betânia. Então ele pegou, de certa forma, um aspecto de cada um. Eu não faço um cara completamente diferente de mim, o que exigiria uma técnica de ator que não tenho. Isso não quer dizer que eu seja o Paulo, do filme. Ele tem muita coisa que não tem nada comigo. O Cacá pegou muito a visão que o público tem da gente. A visão externa da gente, e

moldou os personagens nessa forma. Eu sou no filme um cara mais ou menos apático, parádico. Um cara que não se mete muito nas coisas. E eu tenho um certo lado assim. No fim do filme assumo uma posição mais agressiva. Sou chamado a isso. Então o filme não exigia de mim grandes coisas. Só dou umas dançadinhas, mas é de brincadeira.

QUANDO o **Carnaval Chegar**, segundo seu diretor Carlos Diegues, não é retorno à **chanchada**. Chico também concorda com essa opinião. Ele acha que a base do argumento se inspira um pouco num certo espírito nômade das gerações atuais. É uma mistura do passado e do futuro, uma perspectiva e uma volta ao mambembe. Ao mesmo tempo em que o filme faz citações e homenagens — é o caso da música **Os Cantores do Rádio**, cuja cena é toda calçada em **Alô, Alô Carnaval** e onde Chico, Nara e Betânia imitam Carmem e Aurora Miranda — abre novos caminhos para um trabalho cinematográfico mais identificado com o espírito descontraído e espontâneo que o público brasileiro sempre prestigiou na **chanchada**.

— A perspectiva que o filme me deu — diz Chico — foi a possibilidade de realizar na vida

A história de
Quando o Carnaval
Chegar deu a Chico Buarque a idéia de
sair pelo Brasil fazendo shows
para os estudantes

IBERIA TRAZ A ERA D

EL GIGANTON

super DC-8-63



IBERIA LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

REPRESENTAÇÕES DA IBERIA DO BRASIL - GUANABARA: Rua Pedro Lessa, 41, loja, PBX 252-8006 - SÃO PAULO: Praça da República, 85, tel. 239-4681 - BELO HORIZONTE: Av. Rio de Janeiro, 462, s/ 208, tel. 26-4-
- SALVADOR: Rua Miguel Calmon, 39, s/ 302 (Ed. Nelson Farias), tel. 2-0650 - FORTALEZA: Rua General Sampaio, 985, tel. 26-2186.